

# O essencial é o existencial

Reprodução

ROBERTO GOTO

**E**m fevereiro de 1980, Benny Lévy mostrou ao público um Jean-Paul Sartre que os amigos mais próximos e antigos não reconheceram como o próprio, isto é, como o legítimo, o autêntico Sartre. Na que é considerada sua última entrevista, o filósofo troca a angústia pela esperança e, entre outras coisas, diz, para surpresa, espanto, desconcerto ou mesmo desgosto de muitos leitores: “Nunca me senti desesperado, nunca encarei, de perto e de longe, o desespero como uma qualidade que podia me pertencer”.

Consternada, revoltada e aterrada com a entrevista, segundo as palavras que emprega em *A cerimônia do adeus*, Simone de Beauvoir qualifica Lévy (referido por seu codinome Pierre Victor, do seu tempo de dirigente da organização maoísta “Esquerda Proletária”) como um “procurador” que extorquiria declarações ao entrevistado, fazendo com que Sartre endossasse opiniões que não eram suas, mas do entrevistador.

John Gerassi compartilhava com o círculo dos amigos íntimos (a chamada “família”) do filósofo essa denúncia de manipulação: o protagonista de sua biografia (*Jean-Paul Sartre/Consciência odiada de seu século*) “precisava desesperadamente de ajuda, e quem lhe oferecia ajuda fazia com que pagasse por ela”, escrevendo “as palavras de Sartre como se fossem suas”, publicando “entrevistas totalmente imaginárias” e fazendo-o “assinar seus próprios [deles] pronunciamentos”.

No entanto, o escritor, segundo o mesmo biógrafo, não só estava consciente da situação como consentia com ela: “Eu digo a eles o que eles querem ouvir”, confessa o biografado em 1979, “num de seus raros momentos de lucidez”. E por que permitia ser usado? “Tudo que eu quero do futuro, o quanto dele houver, é ser lido.”

Ainda que com o seu tanto de paradoxo, é possível que frases como a acima funcionem como resposta apaziguadora à pergunta que costuma ressurgir em ocasiões como a atual, em que, rememorando-se a morte de alguém ilustre, busca-se fazer o balanço de seu legado. Sartre vive, dir-se-ia, e obteve mesmo uma imortalidade na forma das leituras e polêmicas que sua obra e os testemunhos a respeito de sua pessoa continuam a suscitar.

Por mais divergentes que sejam tais manifestações, parece que se agitam e repousam sobre um ponto que é também, aparentemente, pacífico: haveria um Sartre verdadeiro que, uma vez adequadamente identificado, serviria de parâmetro para denunciar as contrafações, as apropriações e interpretações piratas de sua obra e de seus feitos. Não só: num sentido mais concreto, mais corporal, teria havido um Sartre que, com a decadência física e a morte, nas palavras de Beauvoir, “teria deixado de ser ele mesmo”.

Então, houve – há – um Sartre ele-mesmo, ou idêntico a si mesmo, cujas contradições seriam apenas aparentes ou que, em todo o caso, podem ser explicadas pelo recurso à categoria de “outro”? Então, a existência não precede a essência e o indivíduo humano não é um vazio ou



*Sartre existiu; suas escolhas e ações tiveram sua hora no palco do tempo e depois dissiparam-se, não permanecem como coisas e essências*

um nada em busca de ser – um ser sempre aberto, que nunca se completa –, mas uma essência que se desdobra, um “mesmo” que pode dar lugar ao seu “outro”, como um bicho que sofre uma metamorfose?

Se é este o caso de Sartre, sua posteridade lhe dá essa celebridade póstuma – tensa e por isso mesmo palpável – e realiza assim seu desejo de infância, mas pagando o preço da ilusão retrospectiva e, sobretudo, da incapacidade de validar os pressupostos ontológicos de sua filosofia existencial. Afinal, sempre que se aborda o tema “Sartre”, parece que não se consegue deixar de hipostasiar, substancializar o personagem principal, não raramente desconsiderando-se a urdidura complexa das circunstâncias históricas em que escolheu e agiu.

Trata-se, em suma, de um personagem mais de acordo com a teoria aristotélico-tomista da potência-e-ato que da filosofia sartriana da contingência e do para-si. Figura-se um Sartre que se metamorfoseia, que é primeiro existencialista e depois socialista, ou esquerdista – alguém em busca de um lugar para uma esquerda que não seja nem marxista, num sentido dogmático-idealista, nem antimarxista. Em todo o caso, é como se o “segundo” Sartre já estivesse contido potencialmente no

primeiro: o socialista é o “outro” desdobrado do “mesmo” Sartre.

Talvez o próprio personagem tenha contribuído para essa “leitura”. Menos, no entanto, ao dizer, por exemplo – a Michel Contat, em 1975 –, que a guerra de 1939-45 “dividiu verdadeiramente minha vida em duas”, do que ao assumir a ação como um fazer. Parece, então, que tudo pode se resumir a um fazer mútuo: o essencial estaria no que Sartre fez do que fizeram dele. Mas acontece que está morto e agora nada pode fazer a respeito do que dizem dele. Todavia, se é o caso de avaliar o seu legado, talvez não se trate, afinal, do essencial, mas do existencial.

Algo assim: ele existiu; suas escolhas e ações tiveram sua hora no palco do tempo e depois dissiparam-se, não permanecem como coisas e essências. Ele existiu, e cada um é responsável pelo Sartre que escolhe e interpreta.

Roberto Goto é mestre e doutor em Letras e doutor em Educação pela Unicamp. Sobre *As palavras*, de Sartre, escreveu o ensaio “A letra na vida”, publicado no volume *A letra ou a vida* (Ed. da Unicamp, 1992).

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço < <http://www.unesp.br/aci/debate/260310-robertogoto.php> >